

Um Novo Começo

To be born again, first you have to die.

Salman Rushdie. *The Satanic Verses*.

It's our phantom limb. You feel it, but it's not there; you look to where you feel it should be.

Ric Burns, director de documentário,
acerca das Torres Gémeas.

New York Times, 24 Outubro 2001

Será possível começar de novo? Grande parte do debate contemporâneo, na sociedade e na teoria, decorre em torno desta questão, implícita ou explícita. Em particular, se as novas modernidades de hoje constituem um novo começo ou se, ao contrário, representam a impossibilidade de começar de novo, uma ruptura com a lógica da reinauguração. Os acontecimentos de 11 de Setembro disseminaram grande quantidade de discursos reinauguratórios, acerca do começo explosivo do século XXI ou, de qualquer forma, a intuição proclamada de que nada será como antes. No discurso teórico e noutros sectores críticos, em contraste, cresce a convicção de que, num mundo de rapidez vertiginosa onde tudo é novo, não há nada de novo, daí a impossibilidade de reinaugurar o mundo e o cepticismo acerca das representações da continuidade e da mudança para expressar as dificuldades e lógicas da transformação.

Este primeiro número da nova configuração da revista **Interações** incorpora a revista com o mesmo nome que, entre 1995 e 1999, publicou sete números, constituindo o periódico científico do Instituto

Superior Miguel Torga de Coimbra. A expressão interacção tornou-se um termo popular do idioma das novas linguagens de informação e mercadorização, enfatizando como a expansão da diferença e da imaginação criativa é praticada na interactividade entre discursos, modos de acção e tecnologias que deixaram de ter vidas separadas. O sentido de 'interacções' em **Interacções** é orientado para a cadeia de mudança contemporânea, em particular, o nexos entre a produção da teoria e a produção da sociedade. O subtítulo **Sociedade e as Novas Modernidades** coloca em primeiro plano a sociedade como o espaço onde os pensamentos e a experiência continuamente tomam forma, inspirado pelas reflexões da antropóloga britânica Marilyn Strathern¹. O uso positivo da expressão 'as novas modernidades' sugere como aparentes pleonasmos, o novo do novo, a modernidade nova, alegorizam o modo como uma sociedade produz as condições culturais para ser, ao mesmo tempo, histórica e contemporânea. Ao contrário das suposições mais convencionais sobre a natureza híbrida da 'cultura pós-moderna', a radical 'hibridação' numa sociedade é a complexidade concentrada da história e da cultura, para além de visões puramente cronológicas da experiência da transformação. É este senso rítmico e originário que permite os pronunciamentos de uma 'nova crítica', 'nova economia', 'novas direcções' ou uma 'nova vida'.

2001 foi um ano muito fecundo para o ISMT, marcado, precisamente, por uma concentração do 'novo'. O Instituto Superior Miguel Torga é, neste momento, uma escola de três licenciaturas (*Serviço Social, Ciências da Informação e Informática de Gestão*) e uma escola de pós-graduação que gere quatro mestrados (*Toxicoddependência e Patologias Psicossociais; Família e Sistemas Sociais; Sociopsicologia da Saúde e Serviço Social*). O realismo e diversidade destes campos de formação e interesse científico testemunham a orientação do Instituto para a compreensão e intervenção nas linguagens e práticas da vida social contemporânea. Neste ano de 2001, iniciou-se o mestrado em Serviço Social, beneficiando a nova pós-graduação de sessenta e cinco anos de experiência da instituição neste campo. Também em 2001, foi lançado o Centro de Investigação do ISMT que vem formalizar os meios da organização estratégica do trabalho científico do Instituto, articulando a pesquisa nos Mestrados com projectos de investigação em grupos de trabalho disciplinar e projectos de pesquisa colaborativa com outras instituições. De igual modo, foi aprovado, oficialmente, o

¹ Strathern, Marilyn

1999

Property, Substance and Effect: Anthropological Essays on Persons and Things. Londres e New Brunswick, NJ: The Athlone Press.

plano de estudos da licenciatura em Informática de Gestão. Particularmente relevante é o protocolo acordado com o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto, ligando o ISMT ao Doutoramento em *Saúde Mental* que terá início, naquela Universidade, em Março de 2002. Por outro lado, foram conseguidos os acordos institucionais que permitem avançar com o projecto de construção de um edifício e campus do ISMT, num dos novos sectores urbanos da cidade de Coimbra.

A segunda vida de *Interacções* ocorre neste momento de recollecção. Um dos livros mais densos de Miguel Torga chama-se *Vindima*. O Instituto Superior Miguel Torga está a viver uma vindima, o momento Dionisíaco em que o trabalho é abundantemente recompensado pelas perspectivas de desenvolvimento do próprio trabalho.

A Revista publica números em Abril e Outubro. A estrutura é constituída por ensaios críticos inéditos e resenhas de livros ou filmes e outras representações do estado da arte da produção teórica e criativa contemporânea. Este é o pedigree próprio de todo o periódico científico. Outras divisões têm um sentido mais utilitário. Um espaço é dedicado a publicar, numa amostra casual, resumos de teses de Mestrado produzidas, a partir de 1999, no âmbito da Escola Superior de Altos Estudos, o órgão do ISMT que gere e organiza, especificamente, as actividades de pós-graduação. Este primeiro número da Revista apresenta, além disso, a série actualizada das teses de Mestrado do ISMT, entre o início das defesas de tese, em Maio de 1999, e o final de Outubro de 2001. Cada número semestral irá actualizar as dissertações do semestre anterior. A Revista encerra com o Courier, informando acerca de notícias e eventos promovidos no Instituto Superior Miguel Torga.

Os artigos deste primeiro número fornecem uma visão de preocupações representativas do ambiente intelectual, ensino e práticas científicas do ISMT. O campo da psicologia e da psicanálise ocupa hoje um lugar destacado na investigação e nos currículos académicos dos cursos leccionados no Instituto, representado aqui pelo artigo de Carlos Amaral Dias, Director do ISMT, sobre Freud, Mélanie Klein e Bion, e de Jorge Caiado Gomes, acerca dos patrimónios teóricos da psicologia e da filosofia na exegese das dialécticas da afectividade e da inteligência. Os artigos de Ulla Emilsson, da Universidade de Lund, Suécia, e de Wilma Diniz Cardoso, da Faculdade de Engenharia Química de Lorena/São Paulo, Brasil, abordam, sob diferentes ângulos, os temas da saúde mental, Serviço Social, novas metodologias de pesquisa e organização do trabalho. As autoras são colaboradoras do ISMT, em actividades das licenciaturas e do Programa Socrates/Erasmus, e estes ensaios apresentam projectos de desenvolvimento e intervenções actuais, ainda a decorrer nos contextos sueco e bra-

sileiro. O texto de Ulla Emilsson foi traduzido do sueco. A Revista publica os textos de autores brasileiros na versão original do português do Brasil.

O artigo de Eduardo Marques apresenta os resultados e metodologias de uma tese de Mestrado defendida no começo de 2001, exemplificando, assim, um trabalho científico desenvolvido no quadro da Escola Superior de Altos Estudos, com ênfase particular na utilização de metodologias quantitativas de pesquisa. Os dois artigos seguintes apresentam reflexões sobre questões de educação, prática crítica e cultura moderna. Joaquim Ferreira Gomes, Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra e Presidente do Conselho Científico do ISMT, escreve um texto dedicado ao pedagogo católico português do início do século XX, Padre António de Oliveira. O artigo de José Vasconcelos e Sá situa-se no campo teórico das Ciências da Informação, abordando as tecnologias de mediação, na perspectiva da relação intrínseca entre a crítica da modernidade e a crítica do uso instrumental da técnica.

A capa da Revista reproduz a pintura de Paul Klee, *Der Paukenspieler, O Tocador de Tímpano* (1940). Esta será a imagem permanente deste periódico e, de certa forma, o seu 'abismo'. A pintura original (34.6x21.2cm) é em pasta de aguarela, em papel feito à mão montado ou sobreposto em cartão. Num efeito de intertextualidade e *mise-en-abîme*, a figura antropomórfica fragmentada 'cai' neste abismo do papel recortado e irregular sobre o cartão. A capa e a contra capa, por sua vez, reproduzem o mesmo encaixe, alargando, assim, o efeito abismal entre o suporte, a imagem e o texto, numa evocação das próprias relações abismais entre o mundo e a representação.

A escolha desta imagem e suas estratégias de estetização e significado é inspirada por um contraponto com o *Angelus Novus*, outro quadro de Paul Klee (este de 1920), que teve um papel notório na história intelectual do século XX, depois de popularizado por Walter Benjamin como o ícone da sua exploração torturada entre tempo messiânico e modernidade. Entre 1964 e 1972, o arquitecto Massimo Cacciari (anos mais tarde famoso, *inter allia*, como presidente do município de Veneza) e Cesare De Michelis editaram uma revista em Florença designada *Angelus Novus: Trimestrale di Estetica i Critica*. O contraponto com a revista de Florença não é, porém, sucessório, como se *O Tocador de Tímpano* representasse o símbolo re-actualizado para o momento 'pós-moderno', da mesma forma que o *Angelus Novus* teria sido o emblema do alto modernismo. A dificuldade contemporânea, precisamente, é o fim desta inocência de substituição de imagens talismânicas que dão acesso ao conjunto ou ao futuro de uma experiência.

A apresentação de *O Tocador de Tímpano* como *imagem* para a capa representa antes a impossibilidade de um *nome*. O que seria genuinamente apócrifo no mundo crítico e emocional de hoje era dar um nome a uma revista que, ao mesmo tempo, fosse o nome de um ícone. De modo hipotético, digamos, uma revista chamada *O Tocador de Tímpano*, à semelhança da *Angelus Novus* florentina nos anos 60 e 70. Porque um nome aqui implica a pulsação entre um signo intelectual e a realização de uma época ou tendência, o que era a inspiração do clima cultural, há trinta anos, mas que deixou de ser prático e revelatório na experiência 'rítmica' de hoje.

Hajo Düchting² (1997) é o autor de um daqueles livros raros que reúnem sumptuosidade e serenidade. O livro analisa a obra de Paul Klee, do ponto de vista da relação entre a pintura e a música. Em particular, como o movimento e contra-movimento das cores traduz e congrega um ritmo polifônico; como a cor e a forma evocam o som e a passagem do tempo. O autor descreve, nos termos seguintes (pp.87-88; minha tradução), *O Tocador de Tímpano*, no desenvolvimento das observações sobre a tradução de ritmos musicais em imagens na pintura de Klee:

Uma das últimas pinturas de Klee, *O Tocador de Tímpano*, ilustra isto de um modo ainda mais penetrante. Usando poucas e poderosas pancadas de pincel, o artista criou uma composição expressiva e antitética de amplas linhas negras e áreas de cor pura e luminosa. Linha e cor tornam-se, uma vez mais, uma polifonia, mas, desta vez, na forma mais abreviada. O vermelhão brilhante, a cor que (de acordo com Goethe e Kandinsky) tem o impacto mais poderoso e positivo, é contrastado, fortemente, com o negro profundo (de acordo com Kandinsky a 'cor menos ressonante'), uma cor que Klee usou com efeito monumental nas suas obras finais. As linhas de desenho rápido e fortemente contornadas são diametralmente opostas à harmonia sem forma das cores. Mas mesmo as próprias imagens são cheias de contrastes. A expressão composta e relaxada da face, cujo olho, colocado ao centro, tem um efeito quase hipnótico, contrasta com a linha angular emocionalmente carregada. Pequenas formas circulares prendem a passagem dinâmica da linha. O personagem que olha traduz os movimentos dos elementos separados numa progressão de tempo; o resultado é um diálogo rítmico entre falta intensa de movimento e poderoso movimento. Como Cronos, o tocador define a rítmica passagem do tempo.

² Düchting, Hajo
1997

Paul Klee: Painting Music. Munique e Nova Iorque: Prestel.

Esta imagem do sujeito fragmentado que, porém, ‘olha’ impressionantemente parece evocativa da morte do sujeito no cenário actual da dispersão da cultura e do significado, enfatizando o local, o imediato e o concreto que, consistentemente, hipnotizam ‘o olho do outro’. É o corpo de Orfeu, negro e vermelho, desmembrado e espalhado pelo mundo como condição da própria disseminação da música e da palavra poética, metonímicas da expansão ‘contrapontual’ da diferença e do tempo, feita de movimento e, simultaneamente, de ‘quebra’.

Uma das persuasões da renovação do panorama crítico nos anos 80 era que o espaço seria o conceito definidor da experiência do ‘pós-moderno’, da mesma forma que o tempo teria sido a marca da visão crítica que dominou a modernidade e os historicismos do modelo intelectual e sociocultural do século XIX³. O processo transnacional das coisas parecia testemunhar a mudança inescapável da tocha do tempo para o espaço. A ironia, porém, é que o panorama cultural e o fervor emocional contemporâneos, não obstante os novos poderes do espaço, tornaram-se crescentemente imersos no tempo. Por outras palavras, imersos na tensão entre o ritmo vertiginoso da mudança e a ressonância arcaica que, por outro lado, invade os pós-modernismos, colocando Cronos a guiar a passagem do tempo electrónico e hiper-tecnológico, como ‘um diálogo rítmico entre falta intensa de movimento e poderoso movimento’. Neste sentido, a ‘harmonia sem forma’ de *O Tocado de Tímpano* não é a insígnia para uma nova era, mas a distância originária entre a plenitude de novos começos e o problema de começar de novo. Esta questão radical do nosso próprio tempo é a *segunda vida* de *Interacções*, no nexos entre a transformação da sociedade e a transmissão crítica do pensamento.

Carlos Alberto Afonso

O Editor

³ Soja, Edward W.
1989

Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory. Londres e Nova Iorque: Verso.